

Investimentos em pesquisas na área da Economia Política da Comunicação: Entrevista com Ana Toni

“Os investigadores da EPC são os atores principais da discussão pública sobre comunicação. São eles que realmente trazem uma outra voz, que não é a do governo nem da indústria”

César Bolaño
Danielle Azevedo

Formada em Economia pela Universidade de Swansea, em Wales, e mestre em Estudos do Desenvolvimento Econômico pelo Departamento de Economia - Relações Internacionais - da Universidade de Londres, a paulista Ana Toni ocupa, desde fevereiro de 2003, o cargo de Representante da Fundação Ford no Brasil, organização privada e sem fins lucrativos, criada em 1936, nos Estados Unidos. Ela também é responsável pelo programa de Governo e Sociedade Civil, que tem trabalhado nos mecanismos de participação democrática e redução das desigualdades no país. Entre as prioridades do programa que administra, encontram-se a promoção da participação pública, monitoramento do governo e da mídia, cooperação entre países em desenvolvimento, iniciativas regionais, direitos da propriedade intelectual e questões relacionadas ao desenvolvimento. Antes de ingressar na Fundação Ford, a economista trabalhou para a TV Globo, Greenpeace International e na ActionAid International, onde implementou a presença da instituição no Brasil, criando a ActionAid Brasil, em 1999, e ocupou a função de diretora regional.

Em entrevista à Revista **EPTIC Online**, Ana Toni revela que no Brasil há poucas organizações que se dedicam à área de políticas de comunicação e afirma que o objetivo da Fundação Ford no financiamento de pesquisas acadêmicas é justamente capacitar seus donatários para que se consolide uma discussão pública sobre o assunto. Ela ressalta que os investigadores da Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação são os principais atores desse tipo de discussão, ao dar maior visibilidade pública ao tema.

Ana Toni diz que apesar de a comunicação ser uma nova área no leque de programas da Fundação Ford, que normalmente financia a produção do conhecimento nos campos do Desenvolvimento Sustentável, Direitos Humanos, Governo, Sociedade Civil e Educação, a comunidade científica da EPC já demonstra que pode ser uma boa parceira da entidade, apoiando-a a concretizar a discussão a respeito da política comunicacional, como argumento

de interesse público, fora do âmbito governamental. Ao conversar com a equipe **Eptic**, ela conta ainda sobre o retorno que a Ford espera ter com os investimentos nessa área e sobre o Programa Internacional de Bolsas de Estudo de Pós-Graduação.

EPTIC - Qual o objetivo da Fundação Ford em financiar pesquisas aplicadas e estudos de políticas públicas, sociais e ambientais no Brasil, especialmente na área de Comunicação?

ANA TONI - O nosso interesse é específico para cada área, mas acho que em geral e, principalmente, na área de comunicação - que é uma área nova para nós aqui que trabalhamos na Fundação Ford, financiando projetos de pesquisas nessa área - tem sido principalmente tentar ajudar a consolidar instituições, redes, departamentos ou unidades e torná-los capacitados em fazer uma discussão pública qualificada sobre o assunto. A gente percebe que há poucos institutos e organizações no Brasil se dedicando à área de políticas de comunicação e a Fundação Ford acredita que não só pode ajudar a apoiar grupos que já existem, mas também incentivá-los para qualificar essa discussão pública. O nosso interesse é trazer para a discussão pública a política de comunicação com o interesse público nessa discussão. A idéia é apoiar alguns centros de pesquisa, mas com o objetivo de capacitar atores para se ter uma discussão mais qualificada sobre o assunto.

EPTIC - Quantos grupos acadêmicos no país estão sendo apoiados pela Fundação este ano? Qual o investimento?

AT - A área de comunicação é muito nova. Mais de 50% do nosso orçamento vai para a área de pesquisa acadêmica, para projetos relacionados com as universidades ou centros de pesquisas. No campo da política de comunicação, como é algo que estamos iniciando, só conseguimos dois apoios mais acadêmicos, que é o EPTIC (da Universidade Federal de Sergipe), e o Laboratório de Políticas de Comunicação e Informação - LaPCom (da Universidade Federal de Brasília). São os dois apoios que conseguimos por enquanto estabelecer nesta área. Esperamos que possamos ampliar isso. Nós estamos vendo se conseguimos apoiar organizações da sociedade civil, desde o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, o Intervozes, o Observatório da Imprensa e outros que vêm trabalhando nessa área também.

EPTIC - Como a senhora vê essa aproximação da Ford com investigadores da área da Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação?

AT – Por ser um assunto novo, estamos sendo cautelosos. Achamos que com essas doações que nós temos dado, tanto para o Eptic quanto para o LaPCom, a gente vai aprendendo muito com esses donatários. Acho que é um caminho a ser construído em conjunto e o tipo de atuação que a Ford vai poder ampliar ou não o seu interesse nessa área vai ser concretizada em conjunto com esses grupos. Estamos felizes que esse nosso caminhar aconteça com esses parceiros.

EPTIC - Qual a sua avaliação sobre os grupos patrocinados? Como eles estão contribuindo efetivamente para a solução de problemas sociais no país?

AT - Uma avaliação é prematura porque muitos desses apoios acabam de começar, mas a gente percebe que nós últimos tempos, há aproximadamente um ano e meio, a discussão pública sobre comunicação está acontecendo mais publicamente. Até então havia muito pouca discussão pública e isso é um excelente sinal. Quando há uma discussão pública, esses atores que a gente está tendo o privilégio de estar acompanhando, ou da sociedade civil ou da academia, são os atores principais dessa discussão. São eles que realmente trazem uma outra voz, que não é a do governo nem da indústria de comunicação. É um ator que está trazendo a uma visão mais pública sobre o interesse público da política de comunicação. Então, apesar de ser prematuro, a gente está feliz em ver que tem uma outra voz de discussão. A gente acha que eles estão realmente colaborando para que seja uma discussão mais ampla e mais diversa. Acho que hoje em dia é muito difícil qualquer nova política de comunicação ser sugerida e passada para o Congresso sem que esses atores não sejam mobilizados para comentar. Não dá para fingir que esse não é um assunto de interesse público. Esses atores têm sido fundamentais para mostrar isso.

EPTIC - Anualmente, quantas bolsas de Pós-Graduação são oferecidas pela Fundação Ford?

AT - A Fundação Ford apóia um programa chamado Programa Internacional de Bolsas de Estudo de Pós-Graduação, que é a Fundação Carlos Chagas que coordena aqui no Brasil. Este programa, que tem um viés de tendência alternativa, em relação às regiões do Brasil, étnico e outros, financia mais ou menos 40 bolsas de estudos para mestrados e doutorados, nacionais ou internacionais. O candidato selecionado é quem escolhe. Dentro de cada uma das atuações, existem pequenas bolsas na lógica de cada donatário, em grande quantidade, que o próprio

departamento que recebe atuação dá para alguns estudantes mais empenhados, ou de Mestrado ou de Doutorado ou Iniciação Científica, para fazer parte de determinado projeto.